



## A princesa Laca<sup>i</sup>

Num distante reino do Oriente, era assim que chamavam à filha de U Tin, um humilde artesão. Puseram-lhe este nome porque não havia ninguém mais hábil do que ela na arte de lacar qualquer tipo de objecto.

Tudo o que a jovem gravava sobre as bandejas, os potes, as taças e as caixas que o seu pai fabricava parecia ganhar vida nas suas mãos.

Um rei orgulhoso reinava sem oposição naquele país.

Tinha-se autoproclamado “Mais brilhante que o sol”. Nada do que acontecia no seu reino lhe escapava, e assim, a fama da Princesa Laca chegou até ele.

Mandou chamar um dos seus ministros e ordenou-lhe:

— Vai e confirma se esta dita princesa é assim tão capaz como dizem por aí. Se assim for, paga-lhe para que ponha o seu talento unicamente a meu serviço.

O ministro recebeu uma bolsa cheia de dinheiro e pôs-se logo a caminho. Cavalgou um dia inteiro sobre o dorso do seu cavalo. Muito para lá do curso do rio chegou finalmente a uma aldeia onde viviam U Tin e a sua filha e logo encontrou o caminho que conduzia à sua oficina.

O ministro pediu para ver o trabalho da Princesa e considerou-o deveras admirável.

— A partir de agora servirás unicamente o nosso resplandecente soberano.

U Tin interpôs-se timidamente:

— Senhor, a minha filha jamais poderá contentar o gosto refinado de alguém tão poderoso. Os lacados que fazemos estão destinados a gente humilde, aos camponeses, aos pescadores...

A Princesa, por sua vez, acrescentou:

— Diz-se que o nosso rei ama os objectos cobertos de folhas de ouro e pedras preciosas. Necessitaremos que nos arranje forma de comprar tudo isso de modo a que os lacados sejam do seu agrado.

O ministro arqueou o sobrolho:

— Estão a pedir-me dinheiro? Quem é que vos falou de dinheiro? Arranjem-se e façam maravilhas! Regressarei em breve para recolher o vosso trabalho.

Saiu da oficina, saltou para a garupa do cavalo e partiu a galope.

Sorria de contentamento. A bolsa com o dinheiro permanecia no seu bolso e aí ficaria.

Para conseguir, apesar de tudo, satisfazer o rei, U Tin embrenhou-se no bosque espesso onde cresciam árvores grandes e belas com a melhor das resinas, das que permitem obter o tom mais desejado, um negro profundo e perfeito.

Então, com essa resina, a Princesa amassou e modelou uma pasta tão escura e sedosa como a asa de um corvo. Ela não mostrava as suas obras a ninguém. Quando a jovem acabava uma peça, guardava-a na cave, resguardada do sol e de olhares indiscretos. Nem sequer U Tin entrava nesse local.

Passaram três meses e o ministro regressou para tomar posse dos objectos destinados ao rei.

A Princesa Laca havia-os colocado dentro de grandes cestos cuidadosamente fechados.

O ministro mandou carregá-los numa carroça que regressou à capital sob escolta.

“Mais brilhante que o sol” tomou com impaciência uma peça lacada mal se abriu o primeiro cesto.

Gritou surpreendido:

— Como? Como é que ela se atreveu?

Inclinou-se sobre as outras peças para as examinar.

As cenas gravadas pela Princesa Laca tinham todas o mesmo motivo: o sofrimento do povo da Birmânia, esmagado sob a lei de um tirano.

O rei ficou terrivelmente furioso. O seu ministro sentiu um fio de suor escorrer-lhe pelas costas. Se fosse considerado responsável pela ofensa a sua cabeça saltaria fora.

“Mais brilhante que o sol” disse com voz ameaçadora:

— Leva-me até esta insolente! Deverá ser castigada ali mesmo!

Uns instantes mais tarde, o rei sentou-se no seu coche refulgente e fez-se acompanhar por dezenas e dezenas de homens armados.

O ministro abria caminho a toda a pressa. O medo dava-lhe asas.

Os soldados entraram na oficina de U Tin. Arrastaram até ao exterior o velho e a sua filha e arrojaram-nos aos pés do rei.

“Mais brilhante que o sol” inclinou-se sobre a Princesa Laca e vociferou-lhe na cara:

— As tuas imagens não passam de mentiras!

— Majestade, não há nada nessas peças lacadas que eu não tenha visto com os meus próprios olhos.

— Pois bem, que lhe sejam arrancados os olhos! — ordenou o rei.

— Perdoai a minha filha! — implorou U Tin —. Sou eu quem deve ser castigado.

Os vizinhos tinham-se reunido em massa em torno da oficina. “Mais brilhante que o sol” disse com voz potente, de modo a ser bem ouvido:

— É certo! Este velho é igualmente culpado. Será expulso do meu reino. Quanto à sua filha, que ousou usurpar o título de Princesa, indulto-a quanto aos olhos...mas estes jamais deverão voltar a ver qualquer luz.

O rei abandonou o local. Alguns soldados permaneceram ali com o propósito de construir uma prisão que não tardou muito tempo em ser erguida bem no centro da aldeia.

Não tinha qualquer porta. Deixaram apenas um minúsculo alçapão para poderem introduzir comida e água, mas esse alçapão estava feito de tal modo que não permitia que a luz penetrasse no interior da prisão.

Os soldados deixaram uma brecha aberta num dos muros, através da qual empurraram a sua prisioneira, fechando-a em seguida com tijolos e argamassa.

A Princesa Laca foi engolida pela mais completa escuridão.



Arranhou durante um bom bocado as paredes com as suas unhas até soçobrar num pranto. Havia sido afastada do mundo dos vivos.

Um fio de ar frio secou as lágrimas da Princesa Laca. Perto da sua cara havia uma frincha. Não passava nenhuma luz mas permitia ouvir os débeis ecos provenientes do exterior: risos de crianças, uma canção dos camponeses, o chamamento dos barqueiros...

Se a Princesa Laca podia ouvir a gente da aldeia, sem dúvida que eles poderiam, por sua vez, ouvir as suas palavras. Aproximou-se o mais que pôde da frincha e começou a falar. Aquilo que a impediam de mostrar com as suas obras, testemunhá-lo-ia a sua voz.

A partir desse momento, não ouve mais dia ou noite para a Princesa Laca.

Na prisão, esqueceu-se do passar do tempo enquanto contava sem descanso o que os seus olhos tinham testemunhado. Não tinha fome ou sede. Tinha a impressão de se tornar mais leve com cada palavra que pronunciava.

Quando a Princesa Laca se sentiu, por fim, tão leve como um leve sopro, como um suspiro, soube que nenhum muro a poderia conter por mais tempo.

Que por fim seria livre.

“Mais brilhante que o sol” não havia saído mais do seu palácio desde que mandara prender a Princesa Laca. Temia uma revolta do seu povo. Dentro dos seus aposentos reais já não se sentia seguro. Desconfiava dos seus soldados, dos seus ministros e até da sua própria família.

Nas horas sombrias da noite, “Mais brilhante que o sol” recebia incontáveis espiões, aos quais pagava, para estar informado de tudo quanto sucedia.

Uma tarde, um deles trouxe-lhe um objecto igual a um dos que a Princesa Laca tinha tido a coragem de enviar para o palácio.

— Onde o arranjaste? Fala!

— Majestade, estas peças lacadas estão por todo o lado — confessou o espião.

“Mais brilhante que o sol” mandou chamar o seu ministro.

— Porque não fizeste nada para evitar esta nova afronta?

— Mas eu não sei de nada, Majestade!

— Então terei eu mesmo de tratar da falsa princesa!

O ministro apressou-se a acompanhar “Mais brilhante que o sol”.

— Tu não vens — disse-lhe o rei — Um homem cuja cabeça anda à roda não pode ser-me útil.

Na aldeia, à beira rio, as oficinas eram já incontáveis. Os artesãos afanavam-se nas suas tarefas, fabricavam bandejas, potes, taças e caixas. Em todos eles se viam as mesmas cenas que a Princesa Laca tinha representado.

Havia dezenas, centenas, milhares; nunca ninguém conseguiria impedir que tantas peças lacadas circulassem pelo reino.

— Como é possível? — gritou o rei — Deixaram escapar a falsa princesa!

Dirigiu-se à prisão. Esta continuava no mesmo lugar em que tinha sido construída e sem qualquer porta por onde se pudesse sair.

Com violentos golpes de martelo fizeram um grande buraco no muro da prisão: não havia qualquer sinal da Princesa Laca no seu interior. Perto do local onde estava o alçapão, “Mais brilhante que o sol” viu um monte de tigelas e pratos.

Ninguém parecia ter tocado a água ou a comida que continham.

O rei sentiu-se a enlouquecer:

— Não pode ter escapado! ... Encontrem-na, soldados, encontrem-na!

Enquanto os seus homens revistavam a aldeia, “Mais brilhante que o sol” entrou numa oficina. Esmagou com fúria as peças lacadas que ali se encontravam. De repente, gritou como um selvagem e saltou como se lhe tivessem cravado algo num calcanhar: uma cara multiplicava-se em cada um dos pedaços espalhados pelo chão.

Onde quer que “Mais brilhante que o sol” depositasse o seu olhar surgia o sorriso da Princesa Laca. Saiu da oficina e pôs-se a correr, gesticulando e tentando escapar. Mas aquela cara continuava a multiplicar-se perante o seu olhar, nas folhas das árvores, no pó do caminho, na água brilhante das samambaias.

O tempo é como um rio: corre sem se deter.

Quantos dias, semanas, meses, passaram desde que a Princesa Laca desapareceu? Perdeu-se a conta. Os artesãos continuam a trabalhar tal e como a Princesa Laca os ensinou a fazer, e sobre os objectos que fabricam mostram sempre a vida do povo tal e como os seus olhos podem vê-la, com toda a verdade.

Nenhum destes homens e mulheres teme ainda a cólera do rei. Há muito tempo que “Mais brilhante que o sol” se atirou ao rio para escapar ao rosto da Princesa Laca, que o atormentava sem cessar.

A aldeia recuperou o seu aspecto habitual e já não existe nenhuma prisão. Por todo o lado se ouve o riso das crianças, o cantar dos camponeses, o chamamento dos barqueiros.

Nas noites de lua cheia, conta-se que, no céu estrelado, por cima dos pagodes dourados...uma silhueta luminosa desliza como uma nuvem: a Princesa Laca.

Françoise Malaval

*La princesa Laca*

Cánoves (Barcelona): Amnistía Internacional : Proteus, 2008

Traduzido e adaptado

---

<sup>i</sup> *Um livro ilustrado a favor da liberdade de expressão, em homenagem à Premio Nobel da Paz 1991 Daw Aung San Suu Kyi (1945-), filha do general Aung San, que negociou em 1948 a independência da Birmânia. Suu Kyi é uma mulher política da Birmânia, líder da oposição não violenta à ditadura militar do país, Premio Nobel da paz em 1991. Apesar de sucessivos períodos de prisão, ela persiste na sua luta pela defesa dos direitos humanos e pela liberdade do povo da Birmânia.*